

# **PENSANDO O CURRÍCULO PARA UM NOVO CURSO DE DESIGN NO SUL DO BRASIL**

*Daniela Velleda Brisolara*

## Resumo

O presente escrito objetiva apresentar algumas questões concernentes ao currículo que permearam a implantação do novo curso de Design do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul) – Campus Pelotas, Brasil, tendo por base as Novas Diretrizes Curriculares Nacionais para cursos de Graduação em Design e o contexto multifacetado do design na contemporaneidade.

## Introdução

Construir um novo curso é um processo conjunto, de reflexão e articulação de uma série de variáveis, onde, através do currículo, este ‘sistema de significação’ (SILVA, 2011) constituído, sinaliza algumas intenções, posturas e caminhos.

O presente trabalho procura delinear algumas questões que permearam o processo de constituição de um curso superior em design no Instituto Federal Sul Rio-Grandense – Campus Pelotas, instituição que conta com 20 anos de experiência na área, através de seus cursos técnicos.

Para tanto se faz necessário pontuar algumas passagens históricas, visto que importantes mudanças e ramificações especializadas da área do design se deram no decorrer de mais de 50 anos desde a instalação do primeiro curso de ensino superior de design no Brasil. Os currículos dos cursos de design evidenciaram a mudança de paradigmas, e as discussões sobre suas habilitações (especificidades) e generalidades seguem até hoje.

Tais discussões são também preocupação da Coordenadoria de Design do IFSul – Campus Pelotas, que, em 2011, após uma série de ações conjuntas, dá início ao curso de Bacharelado em Design.

O começo do ensino de design no Brasil

É com a criação da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), no então Estado da Guanabara, em 1962 (apesar de algumas iniciativas precursoras), que se dá o marco histórico do ensino do Design no Brasil (NIEMEYER, 2007).

A instalação da ESDI se deu, segundo Niemeyer (2007) graças a interesses políticos do governo brasileiro, que relacionava o design à ideologia nacional-desenvolvimentista, e aos valores ‘modernos’ da época, tão caros a tal ideologia. Contudo, apesar de sua inegável contribuição para o desenvolvimento do design no Brasil e geração de mão de obra para as demandas de projetos (produtos e comunicação visual), o currículo proposto para a ESDI era bastante descontextualizado da realidade brasileira. A Escola brasileira tomava como base o modelo acadêmico que parecia ser o mais bem sucedido no campo do ensino de design, o da Escola de Ulm (Alemanha), e estabelecia, então, o currículo que se tornaria paradigma para o ensino de design no Brasil (COUTO, 2008; NIEMEYER, 2007).

Mudanças paradigmáticas nos currículos de design

Em 1968, como resultado de um processo de reflexão e autocrítica, a ESDI reformulou seu currículo – aprovado pelo Conselho Federal de Educação (CFE) – considerado como o primeiro Currículo Mínimo para bacharelados em ‘desenho industrial’ (nomenclatura considerada primeiramente) no país (COUTO, 2008).

Após importantes discussões, resoluções e alterações curriculares promovidas por comissões especializadas da área nos anos 80 e 90, procurou-se, nos anos 2000, com as Novas Diretrizes Curriculares Nacionais, reguladas em pareceres de 2002 e 2003,

estabelecer um perfil do educando, no qual a formação de nível superior se constitua em processo contínuo, autônomo e permanente, com uma sólida formação básica e uma formação profissional fundamentada na competência teórico-prática, observada a flexibilização curricular, autonomia e liberdade das instituições de inovar seus projetos pedagógicos de graduação, para o atendimento das

contínuas e emergentes mudanças para cujo desafio o futuro formando deverá estar apto (COUTO, 2008, p.45-46).

As Diretrizes Curriculares Nacionais específicas para os Cursos de Graduação em Design foram fixadas nos Pareceres CES/CNE 0146/2002, 67/2003 e 0195/2003, da Resolução 5, de 8 de março de 2004. Estas apontam a ruptura de paradigmas antigos no campo do ensino de design, sugerindo o exercício do pensamento contínuo sobre o papel do profissional em formação e suas atribuições, além de enfatizar a importância da interdisciplinaridade, da multiplicidade na formação através de atividades complementares e do incentivo à pesquisa.

É nesta vertente dialógica e múltipla que o novo curso de design do IFSul procurou conduzir sua constituição. Olhando o contexto (sua história, seu corpo docente, sua realidade), consultando os pares, observando o mercado, atentando para os regimentos institucionais internos e leis de diretrizes curriculares. Esse exercício, como bem lembra Couto (p.70) “pressupõe o abandono de extremos, onde nem o conservadorismo exacerbado nem a ânsia desenfreada de mudança são corretos”.

Sendo assim, para se pensar e estruturar o novo curso, tornou-se imprescindível considerar as relações de poder que se estabelecem, em diversas instâncias, e que regulam as ações em torno do currículo (como, por exemplo, os valores propagados socialmente, as orientações superiores do Ministério da Educação, o Plano de Desenvolvimento Institucional, e a Organização Didática da instituição, as iniciativas do corpo docente, etc.), além do contexto prévio, da trajetória de 20 anos de design na instituição.

O Bacharelado em Design do IFSul e o problema do currículo

A possibilidade de um novo curso de design começou a ser vislumbrada a partir da intenção de expandir os conhecimentos inerentes ao design de comunicação visual, visto tal necessidade oriunda do ensino na área técnica. O curso técnico em Comunicação Visual – com trajetória de 20 anos na instituição – passou a evidenciar uma demanda de expansão na carga horária, bem como a necessidade de criação de novas disciplinas para melhor aprimoramento e aprofundamento dos conteúdos e dos projetos realizados. Uma vez ampliados, estes conhecimentos poderiam considerar,

além da área gráfica, as mídias digitais e as inserções da comunicação e informação no âmbito tridimensional – o que viria a propiciar uma sequência de estudos também aos egressos do curso de Design de Móveis (curso técnico de nível médio, também oferecido na instituição, e de longa trajetória).

Considerando essa necessidade, os professores da Coordenadoria de Design do IFSul – Campus Pelotas, entenderam que a criação de um novo curso, em nível superior, carregaria em si o potencial para sanar a demanda evidenciada. Pesquisas realizadas junto a ex-alunos corroboraram a necessidade de ampliação da área. Os resultados demonstraram que os alunos egressos viam a implantação de um curso superior como necessária e importante, seja pra aquisição (e desenvolvimento) dos conhecimentos ou para a valorização no mercado e oportunidades diversas. Além disso, a demanda de mercado da região e a oportunidade de profissionais já atuantes no mercado de trabalho se graduarem (o curso seria oferecido no turno da noite) também foram determinantes.

Dentro destas novas perspectivas, e das Novas Diretrizes Curriculares Nacionais para área do design, os professores da Coordenaria de Design do IFSul, em reunião no dia 19 de janeiro de 2010, votaram a favor da implantação de um ‘Bacharelado em Design’. Assim, partindo do próprio expertise do corpo docente e também do que se pensava essencial para a formação de um bacharel em design (tanto no aspecto das especificidades da profissão, quanto em relação à formação humana sócio-crítica), desenvolveram seu projeto pedagógico.

Originalmente, contudo, o curso se chamaria ‘Bacharelado em Design de Comunicação Visual’, tomando por base os apontamentos de Frascara (2004, p.4), que considera os designers gráficos, em última análise, “especialistas em comunicação humana, e sua mídia específica é visual”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Citando uma das nomenclaturas (‘design gráfico’) adotadas comumente por muitas instituições, Frascara (2004) adverte que uma das causas geradoras de confusão terminológica pode estar na ênfase ao aspecto ‘gráfico’ (como elemento físico), que acaba por obscurecer o aspecto mais essencial da profissão: a criação de comunicações (visuais) efetivas. Sugere, deste modo, que o termo mais apropriado seria “design de comunicação visual”, ao invés de design gráfico. Tal nomenclatura possibilita, assim, considerar as mídias tanto analógicas quanto digitais.

No entanto, por ocasião do 9º Congresso Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento em Design – P&D Design 2010, em São Paulo, durante a Assembléia da AEND<sup>2</sup>, tomou-se conhecimento, de forma mais contundente (o assunto já perpassava blogs e redes sociais há meses), da questão de que os cursos novos deveriam aderir a uma só nomenclatura, a de “Bacharelado em Design”, sem especificação de habilitações ou ênfases, priorizando uma formação generalista e abrangente. Esta seria uma determinação ‘de cima para baixo’ (tal como foi comentado na Assembléia), por parte do MEC, e muitas foram as críticas e dúvidas quanto à adaptação da realidade de cada curso, de cada instituição, a esta nova orientação.

Até certo ponto a Coordenadoria de Design do IFSul, ao elaborar o projeto do novo curso, já apontava uma inclinação generalista – como indicado pelo MEC – de modo que o aluno pudesse optar por uma determinada ‘linha de formação’ (ex.: mídias digitais, área gráfica, etc.). A grande dúvida ficava em relação à nomenclatura e a que isto implicaria.

Ao adotar-se a nomenclatura do curso como “Bacharelado em Design” (que parecia ser a movimentação nacional), seria imprescindível contemplar a área ‘visual’ (gráfica/digital) e de ‘produto’? Sendo assim, prevendo disciplinas que direcionem linhas de formação nestas duas grandes áreas? E ainda: que ‘produto’ seria este, numa formação tão generalista (ficaria a critério da instituição)? E as demais especificidades (como moda, jóias, jogos... etc.), deveriam ser contempladas? Ou a saída seria simplesmente assumir o curso como “Bacharelado em Design”, mas articular o currículo e as linhas de formação dentro da realidade atual (expertises), com forte inclinação à área de comunicação visual?

#### Considerações Finais

O currículo, conforme Silva (2011, p.15), “é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo”. É preciso cuidado, contudo, para que esta seleção não se automatize e se cristalice, replicando antigos paradigmas e fórmulas

---

<sup>2</sup> Encontro da Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design no Brasil (AEND|Brasil), fundada em 2005, com a finalidade de, entre outras coisas, estimular a formação, a pesquisa e o desenvolvimento científico e tecnológico no campo do Design.

ultrapassadas e descontextualizadas. Pelo contrário, o exercício desta ‘seleção’ deve ser sempre reflexivo e crítico, sugerindo opções coerentes com o contexto e com a necessidade de formação de um profissional que alie conhecimentos técnicos específicos, com capacidade de gestão, de crítica e que oriente o seu trabalho com consciência, engajamento político-social, sensibilidade e visão coletiva decorrente da cultura (COUTO, 2008; CARDOSO, 2012).

Sendo assim, após consulta aos pares, discussões sobre o currículo e perfil profissional do futuro designer, optou-se pela estruturação de um currículo flexível – tal como as novas diretrizes curriculares nacionais para bacharelados em design recomendam –, no qual o aluno possa construir seu caminho e focar sua especialidade conforme seus interesses e aptidões. Isto possibilita, ao mesmo tempo, que o aluno adquira conhecimentos mais abrangentes, podendo flexibilizar a sua atuação em um número maior de áreas disponibilizadas pelo mercado atual. Um currículo nestes moldes também permite a proposição de novas disciplinas, conforme a necessidade se apresente. É também neste sentido que justifica-se nomenclatura adotada – Bacharelado em Design – não especificando uma habilitação ou ênfase, mas propiciando certos direcionamentos na trajetória da formação (o que será evidenciado tanto no histórico quanto no portfolio do aluno).

Estes ‘direcionamentos’, tal como o currículo do curso conduz, são voltados tanto à mídia impressa e digital como também à comunicação em conformação tridimensional (produtos) e suas relações com o espaço em que se inserem (ambientes). Deste modo o projeto pedagógico do curso procurou aliar o expertise do corpo docente e da trajetória de vários anos dos cursos técnicos às orientações oriundas do Ministério da Educação e das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Design, optando pelo perfil ‘generalista’, sem, contudo, ser genérico e fora de sua realidade.

Enfim, o Bacharel em Design do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense – Campus Pelotas, deve atingir uma postura profissional com visão crítica e humanista, desenvolver capacidade de utilização de tecnologias, atentar às questões da sustentabilidade e desempenhar atividades de caráter criativo, técnico e científico, agregando valor e diferencial aos projetos desenvolvidos. Tais projetos devem ter o

foco na interdisciplinaridade, considerando as necessidades humanas e seu contexto sócio-econômico-cultural.

#### Referências

CARDOSO, Rafael. Design para um mundo complexo. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

COUTO, Rita Maria de Souza. Escritos sobre Ensino de Design no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Books, 2008.

FRASCARA, Jorge. Communication design: principles, methods, and practice. New York: Allworth Press, 2004.

NIEMEYER, Lucy. Design no Brasil: Origens e Instalação. Rio de Janeiro: 2AB, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 3. Ed., 2011.